

O meu velho Senado

OTTO LARA RESENDE

"Dissentiam sempre, mas é próprio das famílias numerosas brigarem, fazerem as pazes e tornarem a brigar; parece até que é a melhor prova de estar dentro da humanidade." Machado de Assis.

O PALÁCIO MONROE está sendo demolido, para desafogar a praça, alargar o jardim, desobstruir a perspectiva. Quem sabe deixar passar o metrô. Posto ali bem no centro da cidade, tornou-se um entulho na paisagem.

PARECE QUE NÃO se perde grande coisa, do ponto-de-vista arquitetônico. Lúcio Costa lavrou a sua sentença de morte e, aí onde se ergue a voz de um humanista desse quilate, será sempre arriscado alimentar a controvérsia.

É POUCO PROVÁVEL que algum espírito caturra ainda queira preservar o Monroe. O espaço livre que ali se vai abrir reconforta o nosso espírito sufocado. Será uma espécie de recuperação da inocência, de devolução da paisagem ao que só a ela pertence. Em demolições assim, que não vão dar lugar a novos brutamontes de cimento, há mesmo um inegável fascínio. Vivendo soterrados, espreitamos qualquer oportunidade de protestar contra a estupidéz maciça da concepção de nossas cidades, erguidas em concreto armado contra um cidadão cada vez mais desarmado e mais abstrato. Empenhamo-nos, em boa parte por macaquice, em imitar o perfil imperial da megalópole norte-americana. Qualquer cidadezinha que esteja a inchar demograficamente traz no inconsciente o paliteiro da ilha de Manhattan, como toda grande cidade inveja e copia Nova York. Mais do que arranhar, queremos barrar o céu, fechá-lo num horizonte poluído, baixo e triste.

EM QUE PESE O APELIDO de palácio, o Monroe é antes chinfrim. Tem um ar de bolo de noiva. Colunas, escadarias e balcões dão-lhe uma silhueta de imensa gaiola. De qualquer forma, sua sorte está selada. Não há por que reabrir a discussão, desde que as picaretas demolidoras falam argumento bem mais convincente.

AGONIZANDO E MORRENDO ao calor de um debate, o Monroe confirma sua vocação parlamentar e permanece fiel à sua alma. E é a alma que me interessa, ainda que venha a ser obrigado a reconhecer que, se ela não morreu, ao menos mudou de endereço, para o remoto Planalto, e possivelmente também mudou de teor.

O VELHO SENADO, de 1860, está imortalizado em crônica antológica de Machado de Assis. Mocinho, com 21 anos, ele tomava chá com Quintino Bocayuva, na sereníssima República do II Reinado. Suponho que essa página gloriosa foi escrita 30 anos depois que Machado foi levado como repórter para o Senado. E entre outros, lá já estava, também jornalista, Bernardo Guimarães. Num ritmo clássico e civilizado, "O Velho Senado", é a evocação de um país asséptico, aristocrático, quase inverossímil. Um Brasil positivamente fora da latitude tropical: país-da-pátria lhanos, compostos, de linguagem polida, solenes sobrecasacas, colarinhos altos e brancas gravatas la-

vadas. Chegavam de carruagem; e muitos em carruagem própria. Nos grandes momentos, na abertura e no encerramento, metiam-se todos nas suas fardas de senador.

O SENADO do Palácio Monroe, quase diria o meu Senado, esse que a demolição me devolve, é de 1946. Lá se vão outros trinta anos e a única coisa que eu talvez pudesse dizer com Machado é que, naquele ano, eu também era quase um adolescente espantado e curioso. É um trecho de tempo suficiente para desenhar esse traço histórico com que o passado suaviza as instituições. Da mesma forma como a distância valoriza os homens e as suas peripécias.

A PERSPECTIVA, assim como tudo que ocorreu de lá para cá, permite observar lições que serão preciosas para o Brasil destes dias. Uma delas há de ser, por exemplo, a da convivência, que é a regra de ouro da vida democrática. Aquele Senado republicano de 1946, de paletó saco, podia não ostentar o ar de grande família que Machado surpreendeu para sempre no seu Senado de 1860 — lá se vão 116 anos. Mas tinha o seu toque de pequeno clube, a despeito de divergências, discursos, apartes, cochichos ou polémicas. Não é em vão que um povo deita raízes no passado. Fraturas à parte, um rito se impõe. Um caminho, uma luz. Ambos permanentemente abertos, por mais difícil que seja discerni-los, em certos momentos.

ENCERRADA A CONSTITUINTE, promulgada a Constituição a 18 de setembro, a Câmara permaneceu no Palácio Tiradentes e o Senado instalou-se no Monroe. Tenho a pretensão de ter sido dos primeiros repórteres a serem ali credenciados. E a primeira notícia que publiquei, sobre a instituição ressurrecta, aqui mesmo no GLOBO, foi, como hoje, sobre a casa, a sede, e não sobre a sua alma, ou sobre os que iriam encarná-la. Ao contrário de hoje, a desarrumação, naquele momento, trazia um sinal promissor, inaugural. Era, ainda uma vez, a véspera da vida e não da morte.

VINHAMOS da Constituinte, da recente derrubada do velhíssimo Estado Novo. Vinhamos do fim da guerra. Rebatizada no sangue, vitoriosa com a FEB, cantante por toda parte, a Democracia era um mandamento universal da lei de Deus e da lei dos homens.

EMPOLADO, ANACRÔNICO, guardando ecos da Exposição de 1922, o Monroe tinha mais fachada do que interior. A sala mais nobre era naturalmente o plenário. Ali, pelo voto secreto do povo, ia sentar-se a República equilibrada, equânime. A Federação longamente sonhada, pregada por Joaquim Nabuco ainda no Império, incapaz de distinguir, uma da outra, as suas Unidades: grande ou pequeno,

poderoso ou fraco, cada Estado ali tinha o mesmo número de representantes. Dois a princípio, mas logo em seguida três.

POR TODA PARTE, todo mundo, inclusive muito cristão novo, rezava o credo da representação popular, das liberdades públicas, do respeito aos direitos humanos, que a ONU, também novinha em folha, acabava de definir. Era a verdade insofismável da representação popular.

O ESPAÇO É POUCO para convocar os personagens, ou ao menos alguns deles, que reinauguraram o já agora velho Senado de 1946. Cara fechada, a cara que Deus lhe deu, como ele próprio dizia, presidia-o Nereu Ramos. Como este, há muitos mortos. Resta-lhes o consolo de nunca se terem pretendido vitalícios, como ao tempo do Senado imperial de Machado de Assis. Para os mortais que somos todos nós, a vitaliciedade é como um brinquito de faz-de-conta.

O MAIS VELHO dos sobreviventes talvez seja José Américo de Almeida. Já trazia fama de orador e deixara, nas oíças de toda a nação, os ecos de seus discursos. Vi-o e ouvi-o no Monroe. Pronunciava textos exemplares, previamente elaborados, de vigoroso prosador, com um sotaque cheio de acentos caipiras. Anunciava e dava os seus famosos "gritos" no plenário. Na Comissão de Finanças, obsessivo e minudente, tinha a paixão da vida pública e a exibição, minuto a minuto. Não deixava passar gato por lebre.

VELHAS SOMBRAS me solicitam. Algumas se escondem da minha irreverência. Passa.

LÁ ESTAVA, surpreendentemente eleito pelo povo carioca, Hamilton Nogueira. Citava Dostoiévsky e Xavier de Maistre. Um dia um pesquisador dirá quantas vezes ele citou Kafka numa casa do Congresso. Que só ele se lembrou de Kafka. Gostava de falar e, improvisando nem sempre com apuro, tinha sempre o que dizer. Culto, honrado, magisterial. Felizmente, até hoje aí está, sem mandato mais ou menos como todo mundo, mas vivo e renovado.

PARA EXALTAR O CONVÍVIO daquela hora, cito Luís Carlos Prestes. Trazia as juntas duras da clandestinidade, depois de nove anos terríveis na prisão. Martelava suas palavras-de-ordem de forma implacável, araponga sem o menor vislumbre de *sense of humour*. Era sério, formal, quase triste. Siberianamente inflexível, não fazia a política dos fatos; fazia a política dos axiomas.

ARISCO, ESPERANDO a sua hora, Getúlio Vargas veio do Sul e tomou posse de sua cadeira de constituinte num dia histórico, graças à astúcia e à eloquência de Otávio Mangabeira. No Senado, Getúlio reapareceu meteoricamente, para criticar a política financeira do Presidente Dutra. Voltou ao Monroe mais tarde, eleito

Presidente da República. Seguiu-o o passo a passo e, dessa visita, escrevi uma reportagem maliciosa que o "Diário de Notícias", a cuja redação já não pertencia, estampou com sádico prazer, no seu maniqueísmo anti-Getúlio.

O MONROE PASSOU. Como passou o Velho Senado de 1860. Como passaram a Cadeia Velha e o Palácio Tiradentes. Eram casas modestas, de um país bem distante do que é hoje o Brasil. Basta dizer que o Monroe não tinha ar refrigerado. Mas tinha mate gelado, café e cordialidade. Dispunha de galerias acanhadas, como torrinhinhas de teatro pobre. O povo, todavia, salvo engano de ótica, estava mais presente. Populares compareciam em dia de debate, para seguir os oradores. Como antes, anos a fio, se ouvia, igualmente senatorial, a voz até hoje insilenciável de Ruy Barbosa.

UM DIA, DO ALTO da galeria alguém atirou um perigoso petardo no recinto. A ninguém atingiu. Era um paralelepípedo embulhado em jornal. Tratava-se de um terrorista da idade da pedra, um troglodita. Levado a exame, verificou-se que era doido de pedra e, faltando-lhe um parafuso, tentara enfiar um prego na própria cabeça... Compreende-se por que os aparatos da segurança eram modestos. Ameaças e perigos eram nulos, ou quase.

ESTÃO DEMOLINDO essa casa povoada de sombras e vozes. O Rio já não é a capital. O Brasil é outro. Não como forma imperfeita nesse mundo de aparências, é possível que o Monroe venha a ficar. Vai ficar na História e, com licença de Manuel Bandeira, que aqui se insinuou na minha prosa, ficará intacto, suspenso no ar, como o quarto do Poeta. Bem-vinda presença, de Manuel Bandeira, cujo pai foi colega de Machado de Assis, no Ministério da Viação. Manuel conheceu Machado. Eram vizinhos no Cosme Velho. Um velho, outro jovem, os dois se encontraram no bonde e Machado pediu socorro a Manuel, para lembrar-se de uns versos de Camões.

É BOM, FAZ BEM SABER que, assim como dois grandes brasileiros de duas épocas distintas se encontram, uma linha existe, de continuidade: a percorrer o nosso destino. Invisível às vezes, ela costura um período a outro período, uma geração a outra geração. É o próprio Machado de Assis, nessa crônica velha de quase um século, e contudo novíssima, quem confessa: "Comecei a aprender a parte do presente que há no passado, e vice-versa."

CASAS, PALÁCIOS podem demolir-se. Alguma coisa, porém, permanece e dá coerência à marcha da História. Uma nação é mais que um momento, muito mais que um instante, multíssimo mais que um ato.